

P01

Empreendimentos econômicos e população local em regiões de florestas tropicais



2011
Atas Proceedings

ISBN 978-989-8550-19-4

COMERCIALIZAÇÃO DA CASTANHA-DO-BRASIL NAS RUAS E FEIRAS LIVRES DE BELÉM (PARÁ), BRASIL.

KEPPLER JOÃO ASSIS DA MOTA JUNIOR, economista pela Universidade Federal do Pará, keppler_assis@hotmail.com;
GISALDA CARVALHO FILGUEIRAS, engenheira agrônoma e doutora em Ciências Agrárias, professora da Universidade Federal do Pará, gisaldaf@yahoo.com.br;
ANTÔNIO JOSÉ ELIAS AMORIM DE MENEZES, engenheiro agrônomo e doutor em sistemas de produção agrícola familiar, analista da Embrapa Amazônia Oriental, antonio.menezes@embrapa.br;
ALFREDO KINGO OYAMA HOMMA, engenheiro agrônomo e doutor em economia aplicada, pesquisador da Embrapa Amazônia Oriental, alfredo.homma@embrapa.br;
FRANCIDÉLIA CRUZ RAMOS, economista e mestranda em economia pela Universidade Federal do Pará, francidelia_economia@hotmail.com

Resumo

Este trabalho teve como objetivo analisar as condições de venda da castanha-do-brasil ou também popularmente conhecida como castanha-do-pará nas ruas e feiras livres de Belém. A castanha é um dos principais produtos extrativos da região Amazônica, a qual desempenha importante papel socioeconômico, por ser geradora de renda a milhares de famílias, no campo ou na cidade. No âmbito da cidade, o trabalho demonstra a dinâmica da comercialização e os retornos econômicos que esta castanha está oferecendo tanto aos vendedores de rua quanto aos feirantes do município de Belém, Pará. Para tanto, aplicou-se 30 questionários com perguntas semiestruturadas para traçar o perfil destes vendedores em nível socioeconômico. Os principais resultados mostraram que a maior parte (76,7%) dos entrevistados migraram do interior para a cidade com perspectivas de melhora de vida, porém, sem as qualificações necessárias, indicada pela baixa escolaridade (média de 5,63 anos de estudo), refugiaram-se em trabalhos informais como a venda de diversos produtos, incluindo a castanha, em feiras e ruas. Sobre a comercialização do produto, o valor médio de compra foi de R\$ 3,17/quilo, enquanto que o valor de venda da castanha beneficiada (sem casca) ficou em média R\$ 28,00/quilo, o que influenciou na renda média obtida com a venda do produto (R\$ 1.314,82/mês) que foi quase duas vezes superior ao salário mínimo brasileiro vigente (R\$ 670,00), demonstrando, portanto, que a venda de castanha é importante para a reprodução familiar destes vendedores.

Palavras-chave: castanha-do-brasil; comercialização; feiras livres.

Abstract

This study aimed to analyze the conditions of sale of the brazil-nut or also popularly known as pará-nut in the streets and markets of Belém. This nut is a major forest products in the Amazon region, which plays an important socioeconomic role, because it generates income for thousands of families in the countryside or in the city. Within the city, the work demonstrates the dynamics of the market and the economic returns that brown is offering both to street vendors as the fairground in Belém, Pará. Therefore, we applied 30 questionnaires with semi-structured questions to profiling



these sellers socioeconomic status. The results showed that the majority (76.7%) of respondents migrated from the countryside to the city with prospects of improvement of life, but without the necessary qualifications, indicated by low education (average of 5.63 years of schooling), took refuge in informal jobs such as selling various products, including the brazil-nut, in fairs and streets. On the marketing of the product, the average purchase price was R\$ 3.17 / kilo, while the value of sales benefited nut (shelled) was on average R\$ 28.00 / kilo, which influenced the income average from the sale of the product (R\$ 1,314.82 / month) which was almost twice the Brazilian minimum wage rate (R\$ 670.00), showing therefore that the sale chestnut is important for family reproduction these sellers.

Key words: *Brazil-nut; marketing; fairs*

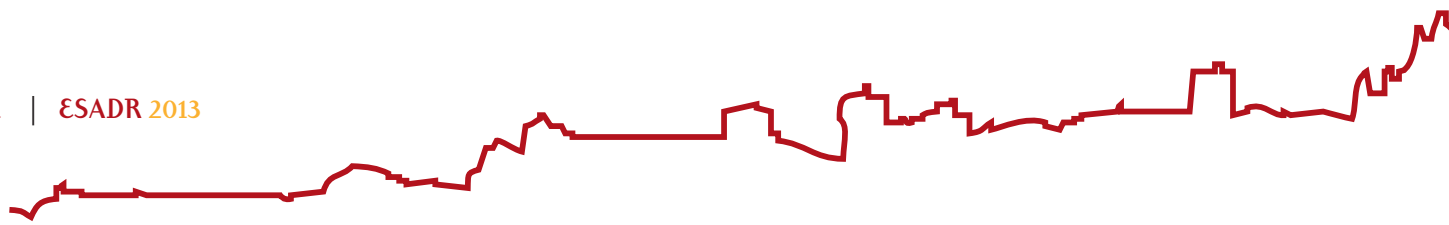
1. INTRODUÇÃO

O extrativismo vegetal desempenha importante papel socioeconômico na região amazônica, pois é responsável pela segurança alimentar e geração de renda a milhares de famílias que tem na exploração da floresta uma forma de reprodução familiar.

De acordo com a pesquisa Produção da Extração Vegetal e da Silvicultura (PEVS) do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o extrativismo vegetal compreende a coleta ou apanha, de forma racional, de produtos como madeira, látex, sementes, fibras, frutos e raízes que permitem a obtenção de produções sustentadas ao longo do tempo. Ainda de acordo com a PEVS, em 2011, a participação de produtos não madeireiros na extração vegetal foi 18,8%, totalizando R\$ 935,9 milhões.

Na região Norte do país, destaca-se entre os diversos produtos da extração vegetal a produção de castanha-do-brasil. De acordo com a Organização Não Governamental *World Wild Fund* – WWF (2013), a árvore da castanha, mais conhecida como castanheira, pode ser encontrada nos nove países que constituem a PanAmazônia, mas, segundo Tonini (2007), a maior parte está distribuída entre Brasil, Colômbia e Peru que respondem por, aproximadamente, 96% da área plantada. Apesar de também ser conhecida como castanha-do-brasil, atualmente, a Bolívia é o maior produtor à nível mundial que suplantou o Brasil a partir dos primeiros anos da década de 2000.

A decadência na produção de castanha começou a partir da década de 1970 com o projeto de integração nacional adotado pelo Governo da época. Homma (2000: 44)





considera que nos anos seguintes, a abertura de estradas e, conseqüentemente, a expansão da fronteira agropecuária levam estas atividades a ocupar as áreas de castanhais no sudeste paraense, até então o maior produtor nacional.

Atualmente, o estado do Amazonas é o maior produtor do país respondendo por 35% do total produzido á nível nacional, seguido por Acre (33,3%) e Pará (17,1%). Essa produção está apoiada em grande parte por castanhais extrativos, a despeito da existência de um plantio pioneiro de 3.000 hectares com 300 mil pés de castanhas plantados na década de 1980 no estado do Amazonas (HOMMA, 2012).

De acordo com o IBGE, do total de 42.152 toneladas de castanha-do-brasil produzidas em 2011, o estado do Pará contou com uma produção de 7.192 toneladas. Os maiores produtores no estado foram: Oriximiná (1.680 ton.), Óbidos (1.225 ton.), Acará (720 ton.) e Alenquer (710 ton.) que configuraram na lista dos 20 maiores produtores do Brasil.

Grande parte da produção estadual da castanha-do-brasil segue para a exportação, outra grande parte segue para as feiras livres das grandes cidades. Deste modo, este trabalho pretende demonstrar a dinâmica da comercialização e os retornos econômicos que este produto está oferecendo tanto aos vendedores de rua quanto aos feirantes do município de Belém, Pará.

De tal modo, este artigo está estruturado em quatro seções, além desta introdução. Na segunda seção, discute-se a metodologia; na terceira, faz-se uma breve descrição do mercado de castanha-do-brasil; na quarta, discute-se os resultados obtidos com a aplicação dos questionários, relativo aos vendedores de castanha e, por fim, tem-se as considerações finais.

2. METODOLOGIA

2.1 Área de estudo

O município de Belém possui uma área de 1.059,40 km² e está situado na região nordeste do estado do Pará. Conta com uma população de 1.393.399 habitantes (IBGE, 2010), chegando a 2.100.000 habitantes em sua região metropolitana sendo, portanto,



um local estratégico para onde se escoam grande parte da produção de alimentos do estado que vão parar em supermercados, feiras ou nas bancas de ruas.

De acordo com dados da Secretaria de Economia do município de Belém (SECON) em Medeiros (2010), a cidade possui 34 feiras livres legalizadas que contam com, aproximadamente, 5.000 feirantes, sendo 71,2% desse total cadastrados perante o órgão. A principal feira da cidade é do Complexo do Ver-o-Peso que concentra 17,5% dos feirantes da cidade, além de ser considerada uma das maiores feiras livres do Brasil. Em seguida, aparecem a feira do Barreiro, 25 de Setembro, Parque União e Entrocamento.

2.2 Fonte e coleta de dados

Coleta de dados foi realizada com vendedores de castanha-do-brasil em feiras e ruas da cidade de Belém (ver Tabela 1) no mês de janeiro de 2013. Foram aplicados 30 questionários do tipo semiestruturado abordando questões sobre adequabilidade do local, comercialização da castanha (local de compra, quantidade vendida, procedência do produto, forma de pagamento e armazenamento, perfil do comprador, período de safra-entressafra, perdas e preço) além de benefícios financeiros que a castanha está oferecendo aos vendedores (renda auferida, produtos comprados com o dinheiro do produto e outras rendas recebidas). As questões foram tabuladas de acordo com as frequências de respostas, na qual se fez uma análise estatística descritiva.

Dados de origem secundária como quantidade produzida e Valor Bruto da Produção (VBP) da castanha-do-brasil foram obtidos juntos ao Sistema IBGE de Recuperação Automática (SIDRA-IBGE) e os valores foram deflacionados e atualizados pelo IGP-DI, base 2011=100.

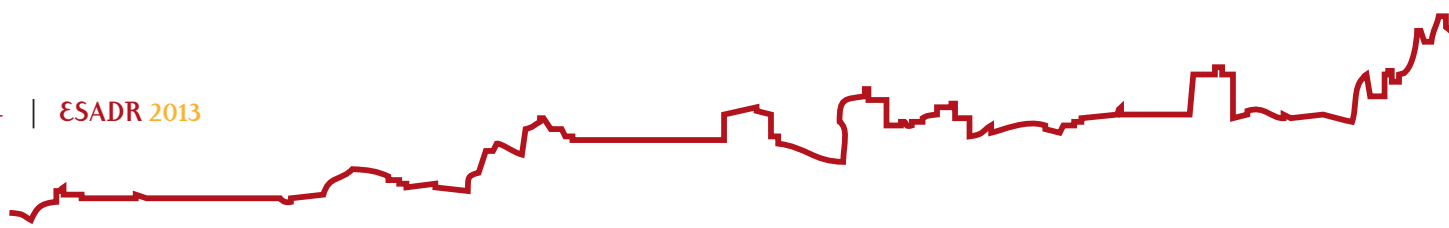


Tabela 1: Quantidade de vendedores de castanha entrevistados por feira livre e logradouro.

Feira Livre	Quantidade de vendedores entrevistados	% (Total)
Ver-o-Peso	13	43
25 de Setembro	7	23
Entroncamento	5	17
Guamá	2	7
Vendedores de Rua (Logradouro)	Quantidade de vendedores entrevistados	% (Total)
Av. Presidente Vargas	1	3
Rua Aristides Lobo com Av. Presidente Vargas	1	3
Rua João Alfredo	1	3
TOTAL	30	100

Fonte: dados de pesquisa, 2013.

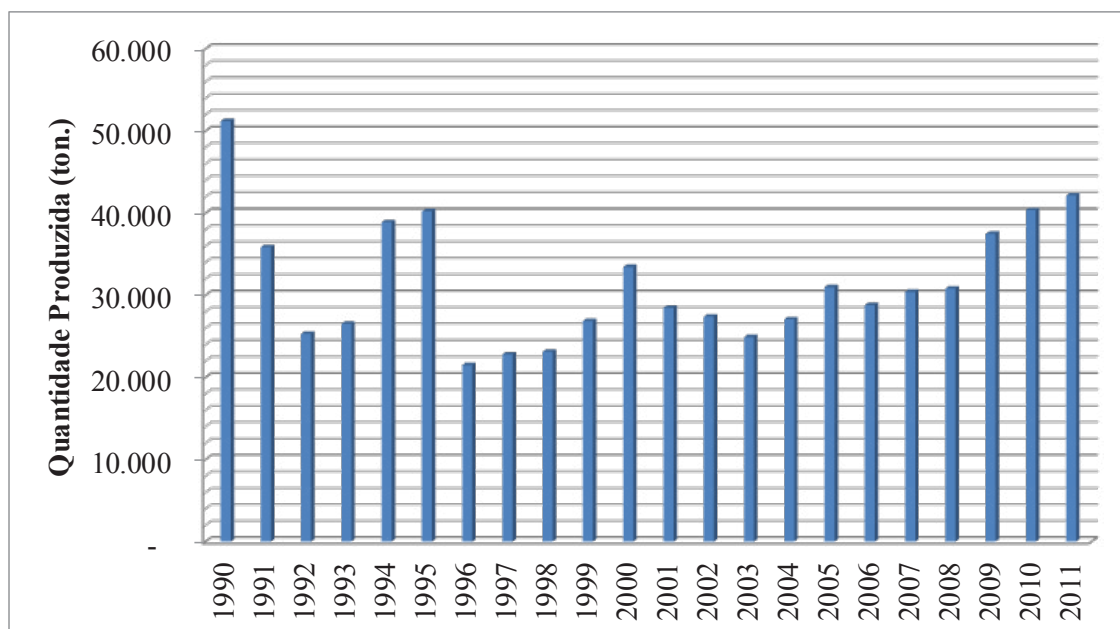
3. MERCADO NACIONAL DE CASTANHA-DO-BRASIL

A quantidade produzida de castanha-do-brasil, em 2011, foi de 42.152 toneladas, representando um aumento de 4,4% em relação a 2010. Quando comparado ao ano de 1990 que registrou uma produção de 51.195 toneladas a queda foi de 21,5%. Ao longo do período a produção apresentou média de 31.563 toneladas, desvio padrão de 7.555,6 toneladas e coeficiente de variação de 24%, o que indica alta variabilidade na quantidade produzida no período.

É possível verificar no Gráfico 1 que, no período analisado, a maior produção se deu no ano de 1990 com suas 51.195 toneladas e a menor em 1996 com apenas 21.469 toneladas. A partir do ano 2000, a produção comportou-se por volta das 31.852 toneladas (média) e com menor dispersão em relação a esta, indicada pelo seu coeficiente de variação de 17%. A partir de 2007, verifica-se que a produção tem crescido ano a ano, especialmente, pelo aumento na quantidade produzida no estado do Amazonas.



Gráfico 1: Evolução da quantidade produzida, em toneladas, de castanha-do-brasil no país de 1990 a 2011.



Fonte: a partir de dados do SIDRA-IBGE, 2013.

Enquanto a quantidade produzida experimenta ciclos de altos e baixos, o Valor Bruto da Produção (VBP) tem crescido bastante, ainda que tenha experimentado leves quedas nos anos de 1994, 2003 e 2006 (Gráfico 2). Na comparação do último com o primeiro ano da série histórica a alta foi expressiva, isso porque, quando deflacionados e atualizados os valores monetários pré-1994, os números obtidos não são significativos pelo fato de o real ser mais valorizado que seus antecessores e pela corrosão pela inflação no período. Sendo assim, vejamos os valores a partir do ano 2000.

Neste caso, tem-se que, em 2000, o VBP da castanha-do-brasil foi de R\$ 7.504 mil, enquanto que em 2011 de R\$ 69.404 mil, um valor nove vezes maior. O crescimento do VBP muito acima do observado na quantidade produzida (26%) no período indica que houve um aumento na procura pelo bem sem que fosse acompanhado pelo aumento proporcional na sua oferta. Esse descompasso entre oferta e demanda gerou forte aumento de preços passando o custo médio da tonelada de R\$ 224,46 em 2000 para R\$ 1.646,52 em 2011.

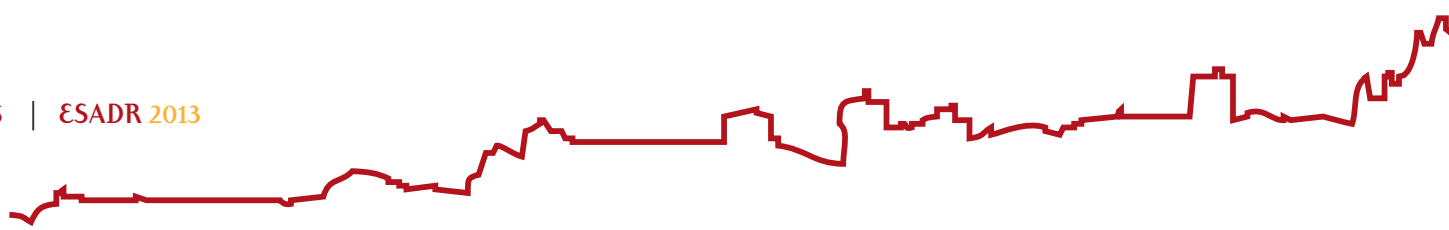
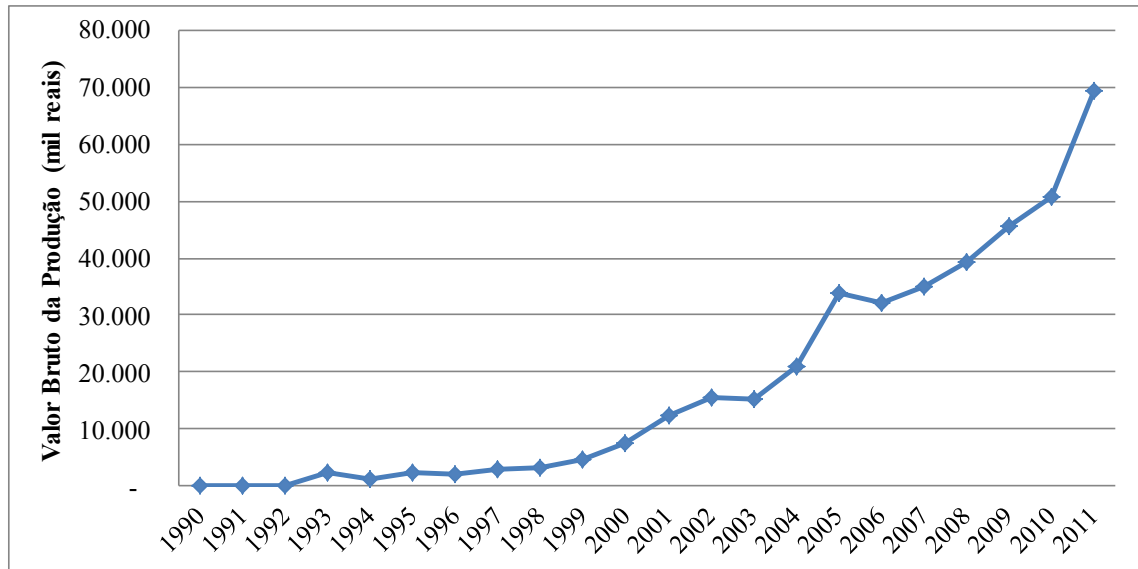




Gráfico 2: Evolução do Valor Bruto da Produção, em mil reais, da castanha-do-brasil no país de 1990 a 2011.



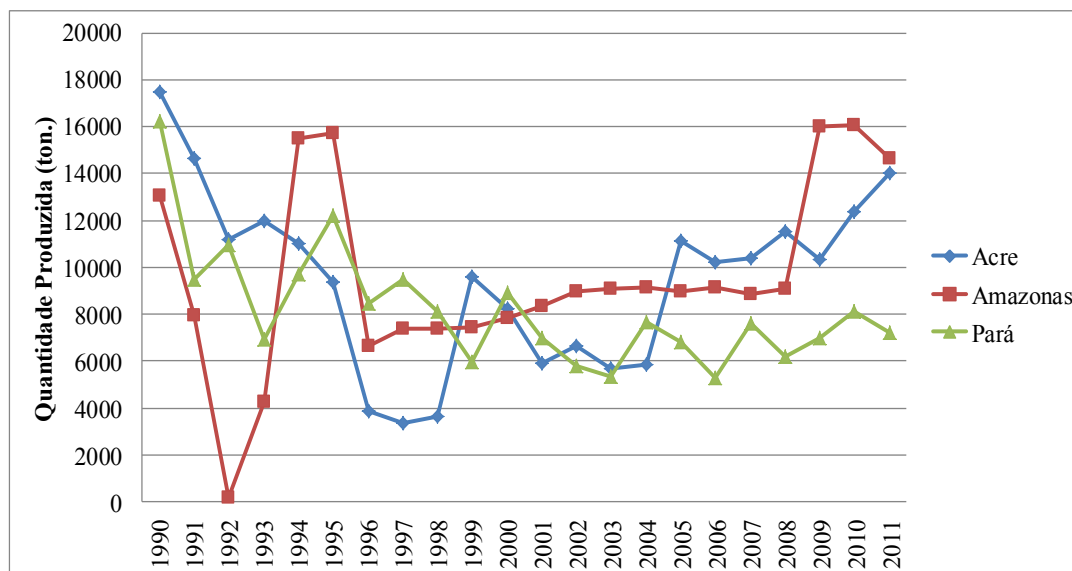
Fonte: a partir de dados do SIDRA-IBGE, 2013.

* Valores deflacionados pelo IGP-DI, base 2011=100.

Apenas sete estados produzem a castanha-do-Brasil (ver Tabela 2) no país, todos concentrados na Amazônia Legal. Apesar da queda no último ano da série, o maior produtor continua sendo o estado do Amazonas (ver Gráfico 3) com uma produção de 14.661 toneladas (2011), o que representa 34,8% do total produzido no país. Em seguida aparecem Acre (14.035 ton.) e Pará (7.192 ton.) com 33,3% e 17,1% de participação, respectivamente.

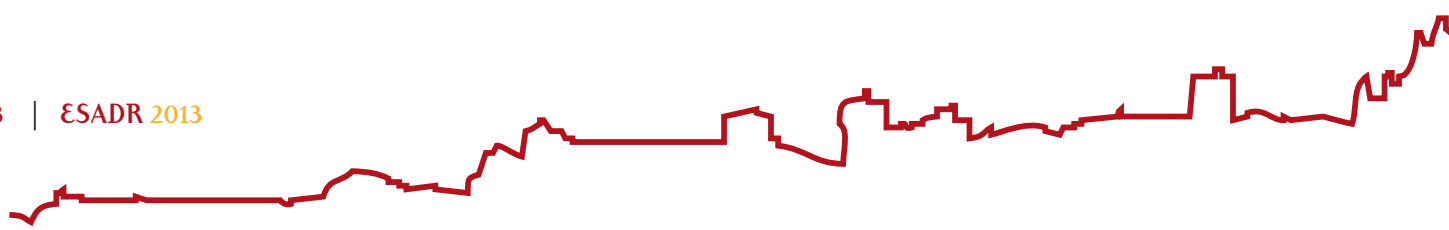


Gráfico 3: Evolução da quantidade produzida, em toneladas, pelos três principais produtores de castanha-do-brasil no país de 1990 a 2011.



Fonte: a partir de dados do SIDRA-IBGE, 2013.

Em termos de produção acumulada entre 1990 e 2011, a produção do Acre e Amazonas se equivalem (em torno de 60.000 toneladas), o mesmo quanto a média no período (em torno de 12.000 toneladas). O Pará, que até os anos 1980 foi o maior produtor nacional, vem registrando crescentes perdas na produção nas duas últimas décadas e precisa investir em novos plantios, de modo a continuar a ter este produto, essencial tanto na alimentação local, dado suas propriedades, como para a geração de divisas, principalmente, através da exportação. Outros estados da região (Amapá, Mato Grosso, Rondônia e Roraima) pouco contribuem para o total produzido, respondendo por 15% da produção no ano de 2011. Dentre estes, Rondônia é o único que tem observado uma média de 3.000 toneladas de castanha nos últimos anos, enquanto que o restante raramente tem ultrapassado as 1.000 toneladas anuais.

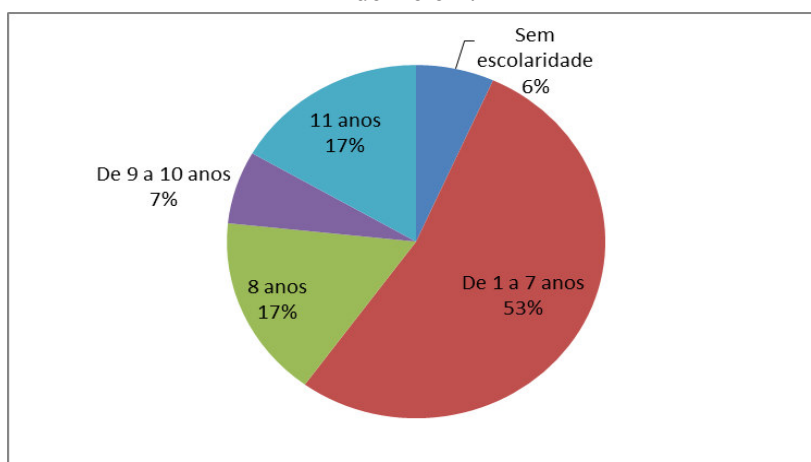


4. RESULTADO E DISCUSSÃO

As feiras livres desempenham um importante papel no processo de produção urbano uma vez que proporcionam parte do abastecimento alimentar destas populações urbanas. Na cidade de Belém, a maior parte das feiras existe há menos de trinta anos e estão basicamente localizadas nos bairros periféricos (MEDEIROS, 2010). Essa dinâmica é resultado do processo de êxodo-rural que o país experimentou nas últimas décadas e que levou milhões de pessoas do campo para as cidades em busca de melhores condições de vida. Porém, ao chegar à cidade o migrante sem as qualificações necessárias e, conseqüentemente, sem emprego necessita de uma atividade que viabilize sua reprodução familiar. Neste caso, muitas vezes, pela tradição no campo, a venda de produtos (hortifrútis, extrativos e outros) na feira pode ser uma opção.

Com relação a isso, verificou-se que 76,7% dos entrevistados nasceram em cidades que não da Região Metropolitana de Belém, grande parte destes são do interior do estado do Pará e apenas um é de outro estado (Ceará). A escolaridade média dos vendedores de castanha nas ruas e feiras livres de Belém foi de 5,63 anos, ou seja, a maioria não possui o ensino fundamental completo (Gráfico 4). Nos dados desagregados os vendedores de rua ficaram com média de 3,3 anos e os feirantes de 5,9 anos, o que significa dizer, conforme Gomes et al. (2013) que, de um modo em geral, a comercialização de produtos em feiras livres é uma atividade pouco exigente quanto à escolaridade ou qualificação de seus agentes.

Gráfico 4: Anos de estudo dos vendedores de castanha-do-brasil nas ruas e feiras livres de Belém.



Fonte: dados de pesquisa, 2013.



A maioria (43,3%) começou a trabalhar na feira por necessidade, 30% para ajudar alguém da família, 10% por opção e 16,7% por outros motivos. A média de anos de trabalho foi de 13 anos, sendo que 43,3% se ocupam com a venda de castanha (e, muitas vezes, outros produtos) há menos de dez anos, ao passo que 40% trabalham entre dez anos e 30 anos e 10% levam mais de 30 anos dedicando seu tempo à venda de castanha, outros 6,7% não quiseram informar a quantidade de anos de trabalho com o produto.

Quanto às condições do estabelecimento para a venda do produto, todos os feirantes informaram que a banca é própria, ainda que tenham que pagar uma taxa à Prefeitura que, em alguns casos é anual (Feira da 25 de Setembro) e outros mensal (Ver-o-Peso). Outra questão quanto ao estabelecimento foi a adequabilidade do local para a venda da castanha. Como o Gráfico 5 mostra, 67% dos entrevistados informaram que o local era adequado para a venda do produto, outros 23% em parte (que inclui os três vendedores de rua) e 10% disseram que o local não era adequado. Dos que disseram que não era adequado, um feirante do Ver-o-Peso manifestou que a venda de castanha deveria ser em local exclusivo como ocorre com outros produtos na mesma feira, isso porque, a cada ano que se passa cada vez mais vendedores de outros produtos ao redor migram para a venda da castanha por ser mais rentável disse o feirante. Os outros dois que responderam negativamente à pergunta foram da Feira do Entroncamento. Para eles, o local não é adequado por não existir uma estrutura fixa para a venda de seus produtos, inclusive, a castanha. Constatou-se que, nesta feira (Entroncamento) a comercialização de todo tipo de produto é feita em bancas de madeira móveis ou outros materiais improvisados no meio da rua e sem qualquer separação por tipo de alimento vendido.

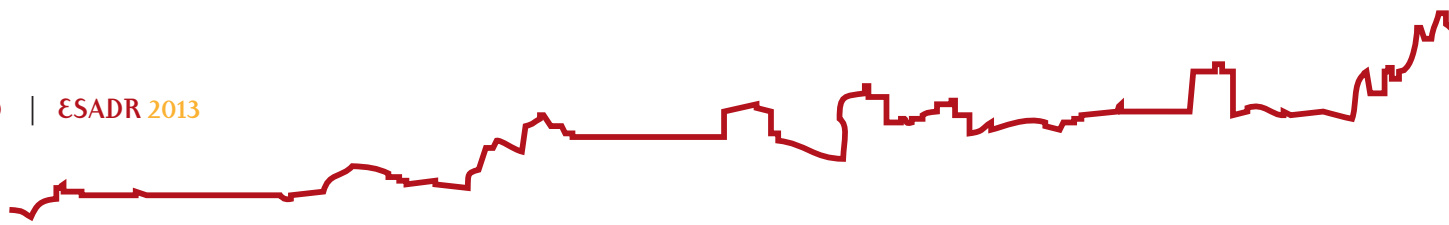
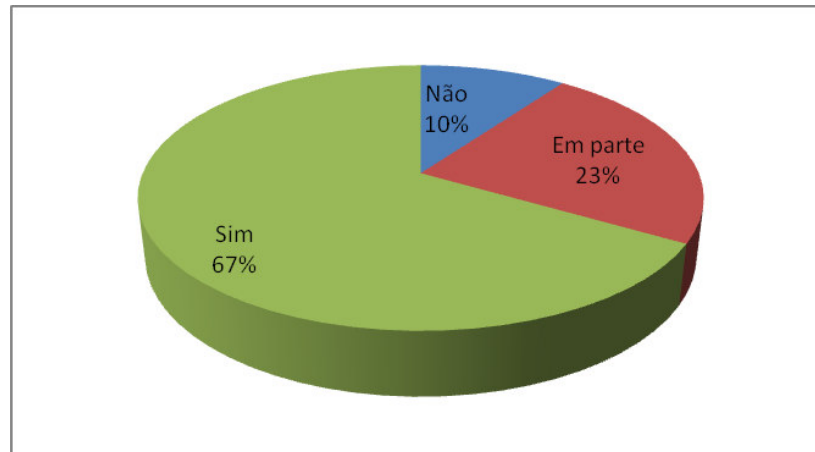




Gráfico 5: Adequabilidade do local de venda de castanha-do-brasil, segundo os entrevistados.



Fonte: dados de pesquisa, 2013.

A falta de uma boa estrutura para a comercialização da castanha gera outro problema, uma possível contaminação por fungos que, em certas condições, são altamente perigosos ao ser humano. Para Castrillón & Purchio (1988), rachaduras nas cascas de castanha por ocasião de [inadequado] transporte [e armazenagem], agregado ao clima e grau pluviométrico são fatores que favorecem a penetração de insetos, parasitas e microrganismos, que aliado a umidade pode trazer sérios riscos à saúde humana. De acordo com Alvares et al. (2012), a umidade das castanhas é um fator que pode favorecer a proliferação de fungos, produzindo toxinas como, mais comumente, as aflatoxinas que, epidemiologicamente, são associadas à alta incidência de câncer hepático (CIB, 2004 apud ALVARES et al., 2012). No caso dos feirantes pesquisados, 86,67% praticavam a venda de castanhas frescas acondicionadas em pequenos sacos plásticos, retendo bastante umidade. Outro fator que chamou a atenção foi a falta de procedimentos higiênicos, como o uso de luvas no manuseio das castanhas descascadas, aumentando o risco de contaminação do produto.

Apesar de 33% não considerar que a feira ou local de rua ser totalmente adequado para a venda da castanha, 96,7% disseram gostar de trabalhar na feira ou na rua vendendo o produto, enquanto que apenas 3,3% responderam que gostam, em parte. Ainda, 63,3% disseram que vendem castanha desde que iniciaram as vendas nas ruas ou feiras de Belém, outros 36,7% começaram vendendo outros produtos, principalmente,

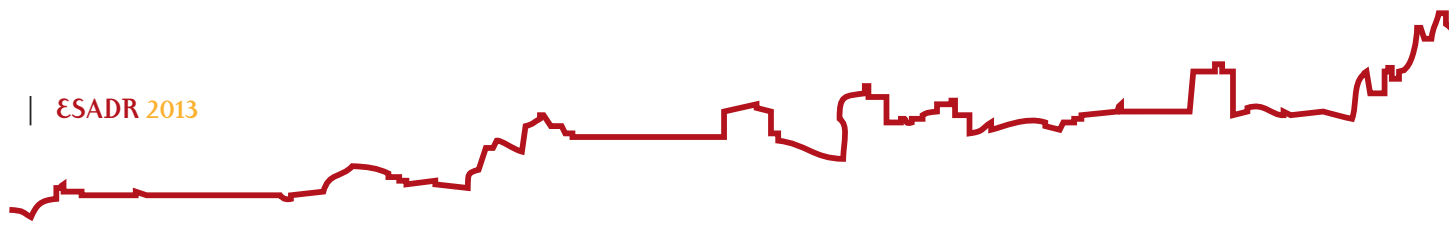


frutas, segmento preferido por 33% dos frequentadores de feiras da cidade (SECON, 2013).

A maioria dos entrevistados (60%) disse ter bons conhecimentos acerca da árvore e do fruto da castanheira, pois muitos vieram do interior do estado onde tiveram algum tipo de contato com a castanha, inclusive, alguns chegaram a dar orientações sobre os benefícios que o ouriço, a casca da árvore e o “umbigo” da castanha para doenças como hepatite, anemia entre outras.

Sobre a comercialização, 93,3% disseram comprar a castanha em sacos de 50 kg (86,7%) e 60 kg (13,3%), outros 3,3% em fardo de 20 kg e 3,3% não souberam informar. O valor médio de compra do quilo foi de R\$ 3,17 (com casca). O valor médio de venda foi de R\$ 5,00 o quilo com casca e de R\$ 28,00 sem casca. Neste quesito, as feiras/ruas levam vantagem frente aos grandes mercados, pois conseguem oferecer o mesmo produto por um preço menor. As frequentes promoções também são uma forma de baratear o preço dos produtos a fim de livrar-se de grandes estoques, pois a falta de infraestrutura e equipamentos nestes locais não permite o armazenamento de produtos perecíveis por prazo maior de tempo, como nos supermercados. Em relação aos preços nota-se uma diferença de, aproximadamente, 55% quando comparado o preço médio na feira/rua (R\$ 28,00) com o dos supermercados locais que costumam vender pacotes de 150 gramas por R\$ 6,50 em média, perfazendo um total de 43,33 reais o quilo.

A maior parte (86,7%) disse comprar a castanha diretamente na feira, 10% em outros locais (fábrica, interior, porto), outros 3,3% não quiseram informar. A procedência da castanha é, em grande parte, proveniente do estado do Pará sendo mais citados os municípios de Acará, Cametá, Moju e São Miguel do Guamá, como também os estado do Acre e Amazonas como fonte das castanhas que abastecem a cidade de Belém ainda que, segundo os próprios entrevistados, as melhores castanhas são provenientes do estado do Pará, enquanto que as maiores do estado do Amazonas. É interessante notar que apesar da distância de alguns pontos de produção, como Acre e Amazonas, a castanha chega a Belém a um preço bastante competitivo, mostrando que os agentes envolvidos no processo de extração da castanha devem ser pouco remunerados, já que até chegar à feira a castanha passa, geralmente, por atravessadores.



O período entre compras mais comum foi de 15 em 15 dias (56,7%), ainda que houvesse quem compre de no máximo oito em oito dias (30%) e de mês em mês (6,67%), outros 6,63% não quiseram informar. Já a forma de pagamento mais comum foi à vista (70%), seguido pelo prazo de até sete dias para pagamento (23,4%), até 15 dias (3,3%) e até 30 dias (3,3%). Os meses de maior compra são entre janeiro e junho, ainda que haja grandes compras nos meses de outubro (Círio de Nazaré) e dezembro (Festas de Fim de Ano). O primeiro semestre de cada ano, época da safra, é onde se compra, na maioria das vezes, a quantidade necessária para o restante do ano. Neste caso, para manter a castanha em bom estado, o feirante/vendedor as conserva dentro do ouriço, molhando-os toda a semana para que as mesmas não sequem ou estraguem.

O tipo de castanha-do-brasil mais vendido pelos feirantes são ambas (com casca e sem casca), ainda que 10% deles vendam somente com casca e outro mesmo percentual sem casca. É mais usual a venda em quilo e litro para 46,7% dos pesquisados, mas 23,4% além da venda em quilo e litro também vendem em saco (50 ou 60 kg), 20% vendem somente em quilo, 3,3% somente em litro, 3,3% em pacotes de 200g e 400g e 3,3% não quiseram responder. De acordo com os vendedores, do público que compra 50% é proveniente da população local, 40% de turistas e para 10% dos entrevistados a quantidade comprada é igual entre população local e turistas.

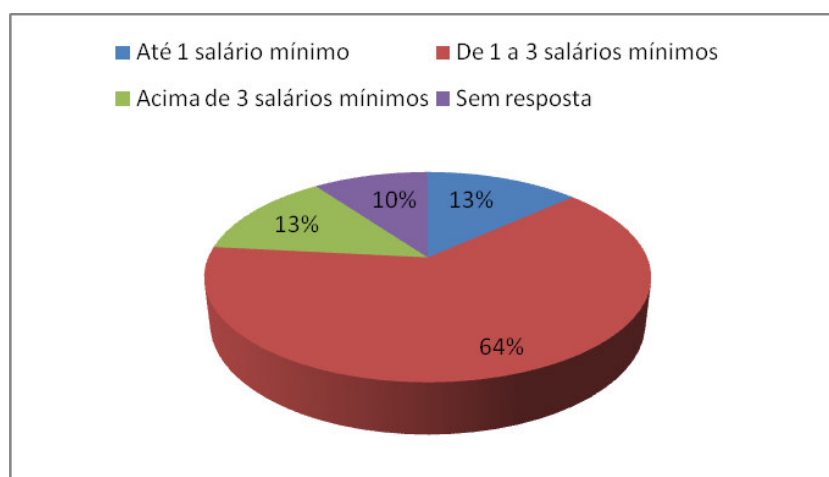


(a) à direita observa-se uma típica banca de venda de castanha na Feira do Ver-o-Peso. (b) à esquerda a castanha acondicionada em sacos (geralmente utilizados para a venda de farinha de mandioca) com seus respectivos preços que variam de acordo com a qualidade e o tamanho.



Dos que descascam a castanha para vender 88,5% utilizam faca/terçado e apenas 11,5% utilizam descascador. Ainda, 73% deste não aproveitam as cascas da castanha e vão direto para o lixo, outros 27% sabem da importância que elas tem e as utilizam como adubo ou para fazer fogo.

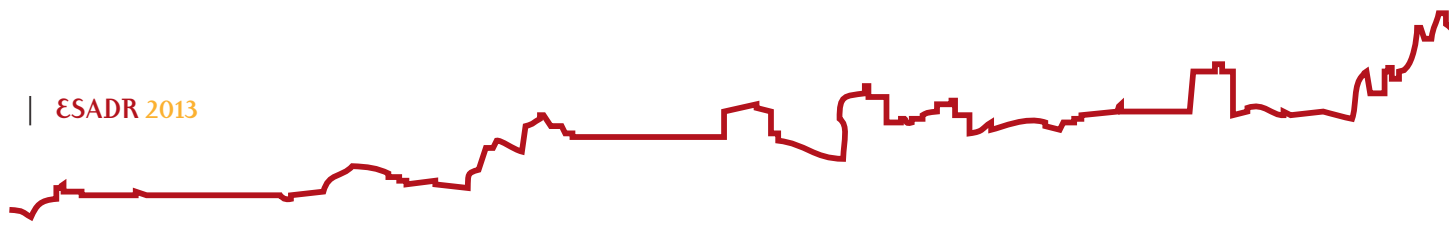
Gráfico 6: Renda obtida com a venda da castanha-do-brasil.



Fonte: dados de pesquisa, 2013.

*Considerando o salário mínimo brasileiro em 2013: R\$ 670,00.

A renda média mensal obtida com a venda de castanha foi de R\$ 1.314,82 por mês, a maior parte dos entrevistados (64%) obtém de um a três salários mínimos com a comercialização da castanha, 13% até um salário mínimo e 13% mais de três salários mínimos, sem resposta somaram 10% (Gráfico 6). 97% disseram, também, que a castanha é sua única fonte de renda e somente 3% disseram ter outras rendas como aposentadoria. As grandes dificuldades encontradas pelos feirantes foi a crescente concorrência, inclusive, com vendedores ilegais, já para os vendedores de rua, a maior dificuldade é a ilegalidade, pois, vivem trocando de ponto de venda a fim de despistar a fiscalização pela Secretaria de Economia do município que quando os flagra, confisca toda a mercadoria que possuem.





6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A castanha-do-brasil, de fato, é um importante produto da cadeia produtiva extrativa na Amazônia, pois envolve vários agentes que dependem quase que exclusivamente de sua produção para a própria sobrevivência. Encaixam-se neste caso o produtor (ribeirinho e demais homens da floresta), o atravessador e, por fim, o feirante ou vendedor de rua.

A produção brasileira de castanha-do-brasil se manteve por volta das 30.000 toneladas até o ano de 2008, observando a partir de 2009 um salto para em torno das 40.000 toneladas anuais, apesar disso, a produção nos três principais estados produtores (Amazonas, Acre e Pará) segue em constante mudança com algumas bruscas variações no montante ofertado de um ano para o outro, o que se deve ao fato de o produto extrativo ser totalmente dependente das condições da natureza para ser produzido.

Em relação à venda do produto nas feiras e ruas da cidade de Belém, os principais pontos positivos foram: o preço, que nos locais pesquisados chega a ser 55% mais barato do que outros estabelecimentos, como os supermercados e a renda média mensal (R\$ 1.314,82) obtida com a venda da castanha, mostrando que a atividade é importante para a reprodução familiar destes agentes.

Já o principal ponto negativo foi a falta de estrutura na maioria dos locais (apesar de a maioria dos entrevistados ter considerado o local adequado) que pode gerar um impacto negativo ao cliente, além de sérios riscos à saúde que podem ser causados pela contaminação da castanha quando do indevido manuseio do produto. Problemas estes que mostram a falta de políticas públicas para o segmento e evidenciam uma rápida tomada de decisão por parte dos agentes públicos.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Alvares, V. S.; Castro, I. M.; Costa, D. A.; Lima, A. C.; Madruga, A. L. S. (2012). Qualidade da castanha-do-brasil do comércio de Rio Branco, Acre. *Acta Amazonica*. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/aa/v42n2/v42n2a13.pdf>>. (acesso em: junho de 2013).

Castrillón, A. L.; Purchio, A. (1988). Fungos contaminantes e produtores de aflatoxinas em castanha-do-pará (*Bertholletia excelsa* HUMB. & BONPL 1808). *Acta Amazonica*. Disponível em: <<http://acta.inpa.gov.br/fasciculos/18-4/PDF/v18n4a12.pdf>>. (acesso em: junho de 2013)

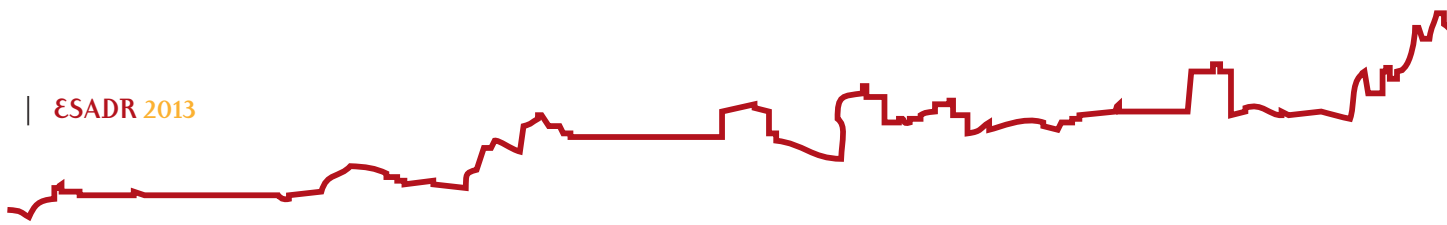
Gomes, A. F.; Silva, J. S. F.; Santos, A. A.; Santana, W. G. P.; Santos, J. A. G. (2013). *Perfil socioeconômico de mulheres feirantes: um estudo no interior baiano*. Disponível em: <<http://www.uesb.br/eventos/encontroadministracaopolitica/artigos/EAP052.pdf>>. (acesso em: julho de 2013).

Homma, A. K. O. (2012). Extrativismo vegetal ou plantio: qual opção para a Amazônia?. *Estudos Avançados*. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ea/v26n74/a12v26n74.pdf>> (acesso em: março de 2013).

Homma, A. K. O. (2000). *Cronologia da ocupação e destruição dos castanhais no sudeste paraense*, Embrapa Amazônia Oriental, Belém.

Medeiros, J. F. S. (2010). As feiras livres em Belém (PA): dimensão geográfica e existência cotidiana. Dissertação de Mestrado em Geografia, Belém, Universidade Federal do Pará.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (2013). *Produção da Extração Vegetal e Silvicultura*. Disponível em: <[ftp://ftp.ibge.gov.br/Producao_Agricola/Producao_da_Extracao_Vegetal_e_da_Silvicultura_\[anual\]/2011/pevs2011.pdf](ftp://ftp.ibge.gov.br/Producao_Agricola/Producao_da_Extracao_Vegetal_e_da_Silvicultura_[anual]/2011/pevs2011.pdf)> (acesso em: março de 2013).





Secretaria Municipal de Economia – SECON (2013). *Perfil do público consumidor de feiras e mercados de Belém*. Disponível em: <<http://ww3.belem.pa.gov.br/www/?p=8382>> (acesso em: julho de 2013)

Tonini, H. (2007). *Castanheira-do-brasil: uma espécie chave na promoção do desenvolvimento com conservação*, Embrapa Roraima, Boa Vista.

World Wildlife Fund – WWF (2013). *Castanheira-do-Brasil: grandiosa e ameaçada*. Disponível em: <http://www.wwf.org.br/natureza_brasileira/especiais/biodiversidade/especie_do_mes/fevereiro_castanheira_do_brasil.cfm>. (acesso em: março de 2013).